



FABTE DA FRENTE DO FAÇO D'AJUDA, COMPREHENDIDA ENTRE OS DOIS TORREÕES; LADO ORIENTAL.

O DESEJO de appresentar aos leitores deste semanario um especimen dos desenhos tirados com um instrumento de recente invenção, o daguerrotypo (*), nos moveu a estampar a gravura acima, que é o fac-

simile de um dos mais perfectos, que se tem obtido em o nosso paiz. Com muito custo foi a copia reproduzida na madeira para ser aberta pelo buril, porquanto neste genero de desenho, alcançado pela acção da luz solar, é a lamina original tão lustrosa que não se póde fitar nella os olhos por muito tempo e com

(*) Vid. ácerca deste methodo a pag. 31 do 4.^o vol.
VOL. V. MARÇO 20. — 1841.

a firmeza que exige um traslado fiel. Acresce a delicadeza dos perfis e contornos, que confunde a vista, porque o daguerrotypo copia os mais miudos accessorios dos objectos com perfectissima exactidão.

Responderemos agora a dois reparos, que todos naturalmente farão sobre a precedente gravura: 1.^o — Porque faltam os dois torreões lateraes da fachada, um pouco mais salientes, e superiores ao andar nobre entre elles comprehendido? — É porque a machina, do unico ponto onde pôde ser convenientemente collocada, só abrangeu o centro da frontaria; e esta condição não podia ser melhorada, pelo que não se alcançou o transumpto da vista geral da frente do edificio. — 2.^o Porque vemos negras as caras das figuras collocadas no rocio anterior ao palacio? — É porque o proprietario da machina, o Sr. Francisco Mocenig e um seu caixeiro, que de proposito estiveram defronte della, durante a operação, ficaram mui proximos, e por isso muito escuros os retratos de suas pessoas, sahindo só desenhados quasi em *silhouette*, percebendo-se ao mesmo tempo melhor os claros nos vultos do criado, e da sentinella ao vestibulo, porque estavam mais distantes. — Os vãos por causa da sombra tambem sahem muito carregados.

Dada esta satisfação á curiosidade dos leitores, passaremos a tratar do edificio succintamente. — Nasceu o pensamento de o levantar, nos ultimos annos do seculo passado, quando pela occorrença do incendio que destruiu o Paço velho, de que ainda existem restos no recinto da planta do moderno, a Sr.^a D. Maria 1.^a se recolheu á casa de campo de Queluz, que seu esposo e Tio, o Sr. D. Pedro 3.^o, mandára construir e cercar de magnificos jardins e arvoredos, em sitio, baixo na verdade e soturno, mas adaptado á vegetação e abundante de frescas aguas. Todavia foi o Sr. D. João 6.^o, sendo já Regente em nome de Sua Augusta Mãe, quem lançou a primeira pedra nos fundamentos do regio Paço d'Ajuda, antes de ser obrigado a sulcar o atlantico por causas politicas, que nos não cumpre indagar.

Muito incompleto vemos ainda este nobre edificio, se o comparar-mos com o risco adoptado no começo da sua erecção; comtudo, só á parte que está concluida ninguem duvidará chamar vasto e magnifico palacio, collocando-o a par dos que gozam deste fóro entre os sumptuosos da Europa. Quatro dilatados lanços de paredes de marmore, dispostos em fórma quadrangular, opposto cada um a um dos quatro ventos cardeaes, e rematados nos angulos por elevados e magestosos torreões, deviam completa-lo, comprehendendo extensas galerias e salas, multidão de camarins e todas as officinas, quartos e accommodações convenientes a um real aposento. — Mas que dizemos? — Cada um destes lados, de per si, poderia ser digna habitação d'um poderoso monarcha. O espaço intermedio, a que chamaremos central, teria serventia por amplos vestibulos nos lanços de nascente e poente, que seriam as fachadas principaes; sendo hoje a do actual palacio a que está feita, que é a oriental, para a parte de Lisboa; achando-se apenas começado o vestibulo occidental. Esta é a frontaria que a nossa estampa appresenta; sendo pena que o processo, mediante o qual foi copiada, não permittisse dar os dois torreões lateraes, que a acompanham e embellezam. Da banda meridional, que olha para o Téjo, fica tambem uma grande porção, já de ha tempos prompta para ser habitada; esta e a sua parallela, ao norte, deviam acabar nos dois torreões marcados no risco, em tudo semelhantes aos que ora existem: por toda a sua extensão superior corre um terrado fechado com balaustrada, donde se avistam, até mui grandes distancias, deleitosas e variadas perspectivas; cir-

cumstancia que lhe facilita a feliz situação do palacio, assente sobre a corôa de uma eminencia, por cujo declive para o Sul vai descendo até o rio o povoado bairro de Belem, com a real casa de campo e quintas adjacentes. Para qualquer das faces que nos voltamos se recream os olhos com vistas, ora amenas, ora grandiosas.

Descrever porem o interior da parte que se acha habitavel e adereçada com as decorações proprias ou com pinturas de paredes e tectos, seria longa tarefa, e para nós summamente difficil; porque não queremos incorrer na censura de ou louvarmos tudo indiscretamente, offendendo os artistas de merito, confundindo suas obras com outras de muito inferior apreciação, ou fazermos distincções, que pareçam odiosas a algumas pessoas, e criticas que sejam julgadas por menos justas. Portanto só nomearemos alguns artistas, já fallecidos e por outras obras muito acreditados, que alli consignaram alguns de seus trabalhos: como Cyrillo Machado, Sequeira, e dizem que tambem o Vieira portuense. Sobre tudo rouba a attenção dos intelligentes a sala, a que vulgarmente chamam da aclamação d'elrei D. João 4.^o; porque alli deixou José da Cunha Taborda, n'um quadro de vastas dimensões, de grandiosa e complicada composição, e de excellente desempenho, a prova do seu talento, representando o acto da aclamação de D. João, duque de Bragança, levantado rei pela nobreza e povo a despeito do jugo e poderio de Castella. Em nosso humilde entender, esta pintura, e as tres estatuas do esculptor Machado, que symbolisam a Gratidão, a Generosidade e o Conselho, collocadas em nichos nos porticos do vestibulo, são as mais notaveis obras artisticas que aformoseam o paço d'Ajuda: outras muitas estão similhantemente postas no mencionado vestibulo; o merecimento dellas é relativo, e devem-se aos cinzeis de Barros, Aguiar, Faustino José Rodrigues e outros esculptores: os nichos do envasamento do lanço meridional do edificio pela parte externa, assim como alguns mais em varias partes, estão destituídos de moradores. As obras dos pintores ornatistas são imaginosas e executadas geralmente com primor. No lavor da pedra não fallaremos, que para elogio lhe basta a perfeição deste genero de trabalho, que os estrangeiros admiram nos edificios levantados em Portugal ha cousa d'um seculo a esta parte. Emfim para residência real nada falta á porção do palacio concluida senão os moveis, porque a cerca e alamedas para passeio, que não tem, talvez podessem supprir-se com a proximidade do horto botanico e da quinta de Belem, vulgô, do Picadeiro. Nas visinhanças da cidade não podia escolher-se para um palacio melhor situação, que ao mesmo tempo desfructa saluberrimos ares.

Adjacentes ao paço, ao norte do terreiro espaçoso que lhe fica em frente, correm umas casas baixas até o barracão de madeira, onde esteve a Patriarchal extincta, nas quaes se accommodam a copiosa biblioteca real, e um gabinete de physica; pegado com este ha uma grande salla elliptica destinada para casa de musica. Os restos do paço velho, edificado por D. José 1.^o, conservam a particularidade de comprehenderem um bem construido theatro, onde se representou pela primeira vez a opera italiana em Portugal.

Foram os primeiros architectos do novo palacio José da Costa, os dois Fabri, Manuel Caetano, tambem por algum tempo, e o ultimo, Antonio Francisco da Rosa: posteriormente esteve encarregado das obras o official do corpo d'engenheiros, F. Raposo.

A VIDA SOLDADESCA.

(Fragmento de um livro inédito.)

O SILENCIO reinava na floresta, porque a noite ia serena como costumam ser as noites de Julho nesta formosa terra de Portugal — mas os perfumes que os ermos confiam ás trevas durante o estio, não enbalsamavam os ares: um cheiro de sangue — sangue de irmãos derramado por irmãos sobre o seio da patria commum — se alevantava da terra como os espiritos de Manfredo — como um pesadello doloroso e maldicto. Os vivos dormiam tranquillamente ao lado dos mortos no campo de batalha (*) :—estes tinham adormecido mais cedo — o seu dormir era mais profundo e longo — longo como a eternidade! Nenhuma outra differença havia entre aquelles e estes, salvo em brilharem caidas por terra as armas dos ultimos, e esperarem as dos primeiros, enfileiradas nos sarilhos, pelo alvor do dia para voltarem ao combate com seus donos, em quanto as que jaziam no chão porventura ficariam ahí esquecidas para as desfazer o tempo ao lado dos que as tinham meneado — ao lado dos mortos na peor das guerras — a guerra entre homens que muitas vezes oraram no mesmo templo, na mesma lingua e ao mesmo Deus — e que muitas vezes talvez disseram *salve* uns aos outros depois da oração da tarde.

E, todavia, o soldado que dormia respirando e com os olhos cerrados, não tinha remorsos deitado ao pé do que tambem dormia, mas com os olhos semi-abertos, e com o coração gelado! O assassino — o fraticida — encontrára o somno ao lado da sua victima, como se antes de se deitarem tivessem dado um ao outro o beijo fraterno, e não retumbasse entre elles o grito de desesperação e agonia do que cáe mortalmente ferido no revolver das pelepas, e o arranco derradeiro e o longo estertor do homem que se encosta para morrer, involto no proprio sangue, sem transição, sem gradações, entre a actividade da vida e o repouso do cadaver!

Até então, entregue por mezes a sensações variadas e rapidas, a impressões fortes e subitaneas, eu ainda não tinha reflectido sobre esta vida incerta, move-diga, multicôr, chamada a vida soldadesca. Era que até então o soldado, este ente tão excepcional no meio dos outros entes, este individuo, duvidoso e hybridado entre a machina e o homem, não se me tinha representado aos olhos do entendimento na sua individualidade propria: até então o soldado não fôra para mim senão um membro desses grandes aggregados d'existencias a que pozeram nome batalhões, regimentos, divisões, exercitos. A idéa complexa tinha sumido completamente na minha alma a idéa simples — o homem estava naturalmente apagado por esses vultos divisiveis, mas unidos e homogeneos, chamados corpos militares. Acostumado a vê-los ora immoveis na planicie como pedras runicas, gigantes e quadrangulares, tombadas sobre uma das faces; ora disseminando-se e unindo-se ao som das trombetas, como as excoriações arrojadas de um volcão descendo outra vez á boca da cratera que as vomitou; ora rolando-se como uma serpente monstruosa pelos caminhos, e transpondo ao longe as assomadas das cordilheiras como a cobra transpõe o vallado; ora adelgados como um laço de muro de antiga fortificação que ainda resta no topo de uma serra: acostumado a vê-los como individuos compostos de centenares de membros, mas ligados entre si, — flexiveis, mas sem solução de continuidade, não havia reflectido senão nas existencias complexas a que por uma expres-

(*) Era a noite immediata ao combate de Ponteferreira em 23 de Julho de 1832.

são rigorosissima se deu o nome de *corpos*; porque as duas mais nobres potencias da alma são ahí severamente prohibidas — fallo do entendimento e vontade.

E porque a taes horas e em tal logar me lembrei eu de descer da agglomeração ao individuo? Era porque a morte convidára muitos destes para o seu repousar final, e o gigante de mil cabeças — o exercito — ficára vivo, forte, activo, terrivel como dantes, prompto a erguer-se ao despontar da alvorada para se encontrar com o seu adversario e luctarem corpo a corpo, e despedaçarem-se, e mutilarem-se rolando-se por terra, como dois homens ebrios e furiosos, pelas alturas das serras, pelo pendor das encostas nas faldas dos montes, nas planicies, sobre o leito das torrentes. Nesta hora em que os extinctos, semelhantes ás folhas seccas das arvores, jaziam desprendidos do tronco ao qual até ahí adheriam, reconquistavam a sua individualidade, e não curavam mais do rufar dos tambores, do clangor das trombetas, — nesta hora foi que eu vi o soldado, na sua existencia propria e intima, material e escura, consumido pelo padecer e soffrer, pelo obedecer e callar, pelo recordar-se do passado, pelo scismar sobre o futuro, pelas saudades domesticas, pela soledade da sua vida pallida e sem esperanza — e os meus pensamentos se derramaram dolorosamente por cima de tanta miseria, que o mundo crê consolada e recompensada com um bocado de pão negro e com o brilho falso do ouropel chamado gloria. Gloria! O que é a gloria para um pobre soldado?

Esses pensamentos foram tambem para mim um horto d'agonia durante as horas do meditar. Porque? Escuso dizer-lo! — As idéas e as imagens me passavam pelo cerebro como a lava que desce do Vesuvio em jorros e golfadas, sem caminho, sem nexo, sem successão regular e medida. Foi assim que as lancei depois para o papel; é assim que hoje as publico.

Se nisto alguem me accusar de pouca ordem e desalinho, que vá pedir tambem ao que se estorce com febre ardente em leito de dôres, que esteja tranquillo, ou se volte compassadamente de um para outro lado, e que as roupas que o cobrem sejam ordenadas e compostas, como as da creança que no seu berço dorme o somno da saude e da innocencia.

I

O ribeiro estrepíta no fundo do valle, porque as aguas do inverno o tornaram caudal e soberbo: sobre as suas aguas barrentas os choupos e os alemos pendem de um e outro lado, enlaçando os ramos nus, semelhantes aos dedos cruzados de mãos que se ergueram para orar ao Senhor. As estrellas scintillam no céu; mas já sobre os topos de uma das serras contiguas ao valle, surge um clarão pallido e indeciso, que envolve dentro do vasto simicirculo alvaco, estampado na abobada celeste, a luz concentrada e remota dos astros, que ainda ha pouco refulgiam por cima daquelle horizonte rendado pelos pincares agudos da montanha. É a lua que vai nascer: uma orla desbotada de fogo começa a subir por entre os penhascos, e a neve accumulada pelos cabeços solitarios reflecte a claridade baça do luar tornando-a rutilante, como quando se refrange na superficie crespa do oceano. O nordeste gelado gemendo pelos soutos e pinhaes das encostas, e susurrando contente pelas çarças e estevas da planicie, deixa vêr ao clarão da lua, debaixo das arvores despidas, phantasmas tremulos, que dançam ao sibilar do vento, meneando-se a compasso com o agitar das ramas dos pinheiros, que se balouçam e curvam como para espreitar essa

danças aereas, em que á sombra delles os espiritos da noite parecem querer esconder-se do aspecto placido e melancolico da lua.

Esta na sua ascensão insensível encaminha-se já para as alturas do céu, e balouça-se aprumada sobre as cumiadas esplendidas da serra, como uma lampada mortiga, suspensa no espaço por mão invisível. O vento quebrou de todo, e esse mar transparente chamado atmosphaera, cujos abysmos são os nossos valles risonhos, cujos baixios são os mais altos picos do Hymalaya e dos Andes, ficou tranquillo como um sepulchro, porque bem como o sepulcro é frio e silencioso. Mas debaixo d'elle está a vida.

Lá — entre as serras, as sombras esguias das duas torres do mosteiro se estiram sobre a neve, que ahi mais rara deixa transparecer os espigões dos comoros cubertos de çarças, semelhantes á pelle raiada da zebra do deserto. De uma dessas torres ha pouco se encaminharam, vibrando nos ares, onze badaladas lentas e compassadas, e discorrendo pela aldéa do valle, disseram a cada uma das portas: «daqui a uma hora será meia-noite.»

São vinte e quatro dias andados do mez de Dezembro. A porta da parochia está aberta: vellas de cêra amarellada ardem em castiças d'estanho sobre a banquetta do unico altar da pobre casa de Deus, e allumiam esse recinto contido entre quatro paredes alvas e despidas. Um sacerdote ancião e desconhecido — o pastor de cem ovelhas — ahi vai offerecer a hostia do cordeiro á mesma hora em que na cidade, a que o rei dos poetas — o anglicano, ou antes o descrito Byron — chamou *espiritual*, — a offerecerá tambem o summo pastor, entre as pompas de S. Pedro, por milhões de fieis. Não tarda a missa da meia-noite.

Para qual dos dois sacrificios lançará os olhos mais benigno o Senhor?

Pelas moradas dos aldeões, até então escuras e caladas, começam atravez das portas, cujas fechaduras rangem abrindo-se e fechando-se, a apparecer, sumir-se, subir, descer, approximar-se, alongar-se, como as exhalações fugazes de um brejo lodoso, as luzes que vem, voltam, giram, param, accendem-se e apagam-se. Depois pelas quelhas tortuosas, malgradadas, estreitas, da aldéa caminham vultos, soam vozes, ruido de passadas, rir sumido, reprehender alto. Os mancebos vestiram para a noite os seus trajes de festa; as camponezas hãode vê-los durante a missa, antes e depois della, á luz das tochas accezas, á claridade incerta do luar. Motejos innocentes, sorrisos amorosos, olhares eloquentes, um apertar de mão fugitivo, uma palavra dicta a furto no perpassar da gente pelo adro, ou na estreita porta da igreja, e depois esquecer isto tudo, e ajoelhar e rezar com fervor, para dahi a pouco tornar a esquecer a devoção e renovar os affectos e pensamentos de uma vida como a campestre, na qual as paixões são vivas, porem não tempestuosas como as paixões cortezaãs das grandes cidades, eis o que reune em duas horas uma noite da missa do gallo.

A missa do gallo é como as outras festividades catholicas uma boa instituição religiosa, porque é rica de sensações e affectos para o homem do povo. São estas festas populares as balizas que os humildes e pequenos deixam em cada anno da vida para a sua historia intima: é lançando os olhos para esses marcos, que elles medem por gratas recordações o caminho que andaram na viagem do existir — tudo o mais é a estrada, plana sim, mas cuberta d'urzes, de um trabalho contínuo, uniforme, material, sobre que pésa a atmosphaera nebulosa e descorada de uma completa nullidade intellectual e moral, sem

pensamentos, sem reflexões, sem crimes, sem outras virtudes senão as mais simples e vulgares: existir que fôra mais proximo da vida animal que da humana, a não serem essas horas das festas religiosas, em que a grosseira sensualidade se mistura e enlaça com as idéas do céu; em que, para assim o exprimir, estas se materialisam, e aquella se espiritualisa; em que o coração rude do popular mistura a imagem de Deus com a imagem da mulher — a devoção com o banquete modesto — as preces com a alegria — o ajoelhar no templo com o erguer a taça em folgar de alta noite — em que, por dizer tudo — o menos intellectual dos homens é momentaneamente poeta.

O que é a poesia? O transfundir o idéal no real — o approximar o céu da terra, e elevar esta até o céu. A noite da missa do gallo gera a poesia em corações que no outro dia ella não saberia agitar. Onde e quando o camponez á meia noite do dia vinte e quatro de Dezembro, dormir no seu pobre e duro leito, e a parochia da aldéa estiver ás escuras e fechada, embora as habitações ruraes revelem no aspecto exterior a abastança de seus donos; embora, ao longe, os valles e outeiros de redor da povoação provem que o progresso da agricultura e da industria é immenso nesse paiz; quando e onde não ouvirdes fallar na tarde desse dia os moços e raparigas, os velhos e as creanças na missa da meia-noite, podeis derramar lagrymas sobre a sorte de um tal povo: elle caiu no mais fundo abysmo da verdadeira desgraça:

Porque essa gente renegou dos poucos instantes em que a poesia visita aquelles a quem a Providencia não predestinou desde o berço para o viver mysterioso do poeta. Se os que ahi habitam deixaram balizas de recordações na sua vida passada, que outras podem ellas ser senão os marcos negros de desventuras e agonias, que tantas vezes contristam a existencia do homem de trabalho, ainda nos paizes onde comparativamente se lhe pode dar o nome de abastado e feliz?

Mal haja aquelle que pertende separar a religião do gozo popular. Quem o alcançasse não teria feito senão tornar aquella uma abstracção inintelligivel para o vulgo; este uma orgia grosseira, sensual, e hedionda.

A religião melhora e sanctifica até os deleites das multidões: a religião é a unica piscina em que se podem mundificar os corações não educados pela civilisação e pela philosophia.

Mas para que é isto tudo? — Para que vem aqui este longo commento sobre a cousa mais trivial e simples — a missa do gallo?

E' para vos pedir que vos demoreis ainda por um pouco na aldeia, que assentada nas faldas da serra alveja ao luar, sottoposta aos cabeços nevados, onde se pulem e tornam esplendentes os raios pallidos e sem brilho da lua, que vae passando silenciosa nas solidões do espaço, rainha e senhora da noite.

Chegae-vos a esta gelosia baixa, cujas portas interiores estão ainda abertas, deixando passar a claridade da fogueira, que ondea no extenso lar — Vede aquelle ancião cuja fronte calva enrugaram os annos, cujas melenas caidas sobre os hombros embranqueceram os invernos: vede-o entre a sua familia: são tres filhas donzellas cujo unico arrimo é o venerando agricultor seu pae. Estão todos assentados á roda de um bofete, cujos pés torneados em espiraes revelam a antiguidade dessa mesa secular e a tornam um membro da familia; porque parece que um destes velhos trastes sabe os segredos dos antepassados; porque sobre elle caíram as benções de paes e de avós antes de repartir o alimento aos filhos ou netos; porque sobre

elle ficaram sussurrando as orações de graças dadas no fim da cêa por muitos annos, e por muitas gerações, e estas benções e orações vem entretecer-se com as orações e benções do presente. Vede como o velho reparte em silencio a suas filhas a cêa da noite do Natal, e como os rostos das donzellas são graves e severos, grave e severo o rosto de seu pae; como a tristesa pousa sobre esta familia, povoa esta morada, em quanto nas moradas visinhas as risadas da alegria restrugem entre o tinir dos copos, transpiram atravez das portas cerradas e espalham pela aldeia um sussurro, que indica a felicidade. D'onde procederá a excepção? — Porque este tristonho contraste?

Dizei: — não vos soa lá dentro uma voz semelhante a uma blasphemia — a uma accusação insensata contra a providencia? Não vos parece que essa tristesa que vedes tem uma causa facil de perceber? Não imaginaes que esses vultos melancolicos do velho e das donzellas que junto a um dos marcos da vida, param e lançam os olhos atterrados pelo caminho do passado e do futuro, e que em quanto o pae vê que em sua peregrinação se approxima do lugar do repouso, as filhas conhecem que apenas a tem começado? Não credes que o despedir-se desse romeiro da morte, a que se chama homem, quando elle se deitar para dormir seu somno de verdadeiro descanso, será dolorosamente terrivel, e que não menos o será para suas filhas que apenas encetam a romagem da sepultura, a que pozeram o nome de vida? O velho era o bordão a que as pobresinhas se encostavam e quando elle lhes faltar a quem hão-de socorrer-se as mesquinhas?

Porque lhes não deu a providencia um irmão?

Tinham um irmão: — mas a sociedade amarrou essa rez e arrastou-a para o grande açougue nacional chamado exercito. Blasphemae se quereis contra as instituições sociaes ainda semibarbaras; porém não blaspheméis da providencia. — A. H.

(Continuar-se-ha.)

DELICIAS DA PRIMAVERA.

A NATUREZA nada tem mais agradável e formoso do que a primavera. É universal a alegria que esta presenteira estação imprime em todos os entes; e não ha corpo algum vivente ou organico que não mostre com semblante risonho tão poderosa influencia; e por isso

Quando a fresca primavera,
Os viçosos campos deixa,
A liberdade se queixa,
Flora saudosa suspira;
Secca o prado, a rosa expira,
De nós se ausenta o praser.

Na primavera brilha o céu com duplicado esplendor; e a atmospheria mais pura que nas outras estações renova os espiritos vitaes do animal, os fluidos nutritivos das arvores, e o succo das plantas mais tenras e delicadas. — Quando o rei dos astros começa o seu curso no equador, em cada dia da derrota accrescenta novos laureis ao seu triumpho. Tudo entristece n'um hemispherio, quando o astro luminoso percorre a outra metade dos seus dominios; e quando volta, dão a tudo nova vida os raios beneficos da sua luz. As raizes, como sepultadas em terreno esteril; e as sementes espalhadas nos campos, despertando do lethargo que lhes causou o enfadonho inverno, entram logo em movimento activo. — Os troncos brotam tenras vergonteadas, e abrem-se as folhinhas para não embaraçarem o desenvolvimento da mimosa flôr. Os bosques recobram as honras que perdem na estação

invernosa; o formoso olmeiro firmado em seu robusto tronco cobre-se de pimpolhos que, juntos á multidão de folhas, constroem uma abobada impenetravel aos raios do sol. Ao corpulento cedro alarga-se extraordinariamente a cupula; o ramoso carvalho augmenta em circumferencia, creando mais vigor os seus duros ramos; e o orgulhoso pinheiro recebendo duplicada força da nova capa vertical, que adquire todas as primaveras, levanta a cabeça ufana sobre as outras sumidades dos bosques.

Coberta a terra de um novo manto de verdura e vestidas as arvores de flôres, prosegue a aprasivel epocha da florescencia: — honra disputada pelos dois mezes de Abril e Maio, sem embargo de repartir-se entre ambos essa gloria, tendo cada um delles os seus tributarios.

A florescencia é o primeiro gráu da propagação; a parte mais attractiva das plantas; a gloria da primavera, e o triumpho da natureza pelo lado da formosura. Considerar um valle, um jardim ou um arvoredo em relação só á belleza do matiz, é encarar bem superficialmente obras aprimoradas: — para conhecer e apreciar-lhe o valor é necessario um exame particular. A disposição da flôr é o seu primeiro caracter botanico. N'umas especies nasce ella immediatamente no renovo, ou ramo; n'outras está pendente de um pé mais ou menos largo. O pé da flôr e o dos fructos é n'umas perpendicularmente direito, e n'outras horisontal, fazendo angulo recto com a haste. — Muitas tem o pé curvo, e não poucas vezes apontado para a terra; e deste modo cada especie tem diversa posição de pé. Quão elegante é em todas ellas a figura do involucro! Quão variada e curiosa a estrutura de cada uma! Que exquisita formosura não é a das suas petalas! — Ha especies cuja flôr se compõe de uma só folha; outras tem quatro; algumas seis, e centenaes dellas muito menor numero. Quanto é delicado o pistilo que existe no centro da flôr; e quão variadas as côres que as adornam!

A alvura de umas; a côr purpurea de outras; — nestas um escarlata vivissimo; n'aquellas um azul claro ou escuro, ou um amarello formoso; e em todas a brilhante união de muitas dessas côres, formam realmente um matiz tão concertado que mal o poderia desenhar o pincel do mais habil artista.

Posto que haja algumas arvores que rebentam no inverno, é comtudo a primavera a estação propria da florescencia, e a epocha em que as flôres abrindo os seus seios, e derramando as mais suaves fragrancias se pavoncam da sua beldade, e exhalam efluvios bem gratos ao olfacto.

O homem que n'uma manhã serena da primavera sae ao campo, passeia n'um jardim, lança uma vista d'olhos pelos bosques, e escuta o gorgueio dos passaros, gosa verdadeiramente da excellencia da mais alegre das estações; vê a mais brilhante scena da natureza; sente praser em todos os sentidos; e não acha ao redor de si, sobre sua cabeça, ou debaixo de seus pés, senão delicias e objectos encantadores.

Cantar a primavera, os jardins, e as suas flôres tem sido o emprego de filhos mui queridos das musas, taes como Thompson e Delille. Entre nós mais de uma lyra consagrou harmoniosos sons áquella doce e aprazivel estação, pintada pelo nosso Francisco Rodrigues Lobo do seguinte modo, na sua bucolica = A Primavera =:

Já nasce o bello dia,
Principio de verão formoso e brando,
Que com nova alegria,
Estão denunciando
As aves namoradas,
Dos floridos raminhos penduradas.

Já abre a bella aurora
Com nova luz as portas do Oriente;
E mostra a linda Flora
O prado mais contente,
Vestido de boninas,
Aljofradas de gotas cristalinas.

Já o sol mais formoso,
Está ferindo as aguas prateadas;
E Zephiro queixoso
Ora as mostra encrespadas
Á vista dos penedos,
Ora sobre ellas move os arvoredos.

De relusente arêa
Se mostra mais formosa a rica praia,
Cuja riba se arrea
Do alamo e da faia,
Do freixo e do salgueiro,
Do ulmo, da aveleira, e do loureiro.

Já com rumor profundo
Não sôa o Lis nos montes seus vizinhos,
Antes no claro fundo
Mostra os alvos seixinhos,
E os peixes, que, nas vêas, (1)
Deixam tremendo a sombra nas arêas.

Já sem nuvens medonhas
Se mostra o céu vestido de outras côres,
Já se ouvem as sanfonhas,
E frautas dos pastores,
Que vão guiando o gado
Pela fragosa serra, e pelo prado.

Já nas largas campinas,
E nas verdes descidas dos outeiros,
Ao som das sanfoninas
Cantam os ovelheiros,
Em quanto os gados pascem
As mimosas ervinhas que renascem.

Sobre a tenra verdura
Agora os cabritinhos vão saltando,
E sobre a fonte pura
Passa a noute cantando
O rouxinol suave
Em saudoso accento, agudo e grave.

Diana mais formosa
Sem vento sobre as aguas apparece;
E faz que a noute irosa
Tão clara resplandece,
Á vista das estrellas,
Que se envergonha o sol, inveja dellas.

Tudo nesta mudança
Tambem de novo cobra novo estado;
Qual em sua esperança,
E qual em seu cuidado
Acha contentamento,
Qual melhora na vida o pensamento.

Os encantos da primavera tambem foram primorosamente cantados por um dos nossos mais illustres contemporaneos. O poemeto dedicado pelo Sr. Antonio Feliciano de Castilho á risonha estação das flores avulta entre as muitas composições de tão distincto vate. Ninguém poderá lêr a Epistola á Primavera sem que se julgue transportado ao centro dos quadros que a natureza offerece em tão amena esta-

(1) Entende-se *vêas d'agua*.

ção para gozar dos solitarios, mas innocentes, prazeres da vida campestre. Trasladar para este jornal todas as bellezas com que o auctor da Noite do Castello e dos Ciumes do Bardo enriqueceu a sua Primavera, era o nosso maior desejo; mas com tanta abundancia as derramou elle na sua obra que para o conseguir fôra mister não omittir um só verso.

«Com rasão (2) foi a primavera consagrada dos antigos ás musas e graças: com rasão se escolhiam as suas vésperas para o pontifice maximo accender o novo fogo que devia durar todo o anno: com rasão os pais da nossa lingua deram a esta parte do anno um nome feminino, e os pintores apparencias de formosa moça; em quanto estio, outono e inverno, pela aspereza, pela força e pela gravidade pertenciam a outro sexo. Cada fonte se alisa em um espelho; cada pedra se veste em assento aveludado; cada haste nua se desaperta n'um ramalhete: tornam-se os bosques outras tantas republicas populosas, cujos cidadãos, livres como as virações, voam, cantam, brincam, acariciam-se, desposam-se, educam a sua prole, bafejada do céu, e parecem não respirar senão o prazer da independencia, da ternura e da melodia. A natureza revoca á vida innumeraveis especies de animaes de que o inverno só continha o germen; ás outras infunde, como aos passaros, um contentamento, uma ligeireza, uma attracção que o inverno lhes havia roubado ou amortecido. Do céu chove fecundidade sobre tudo o que é vivo, e tudo o que é vivo sáe trajado de festa, e por toda a parte encontra mesa, que Deus lhe assoalha, carregada da sua abundancia com luxo, magnificencia e formosura.»

Tal é o modo como o Sr. Castilho descreve em prosa a primavera; vejamos agora como elle a pinta em verso:—

(3) «Primavera, onde estás?» do outeiro exclamo;
De valle em valle, de um cabeça em outro,
«Primavera, onde estás?» responde o echo:
No prado o guardador, no monte o Fauno,
Pelo arvoredo as Driades á escuta,
«Primavera onde estás?» depois exclamam.
Em quanto assim fiel, por ti, ó deusa,
Me desentranho em ais, onde te escondes
Perguiçosa gentil? Onde vagueas,
Bella inconstante, que estes ais não ouves?
Algum Deos namorado, em plaga estranha,
Encheria de amor teus olhos livres?
Esquecer te-iam [céus!] promessas tantas?
Sim: que te importa o definhar de um vate?
Do vate que te amou, te adora ausente?
Tu folgas, e elle geme, elle delira;
Tu a prados sorris, vestindo prados,
Revês-te amante nova em novas flores:
Fontes ha tambem lá, que importam estas?
Da fonte ao claro espelho te engrinaldas,
E ufana de encantar sensiveis peitos,
Tambem como entre nós por lá dardejas
Fogo de amor aos entes insensiveis.

Volta, volta, ó cruel, aos campos nossos;
Qual paiz no Universo, a não ser Paphos,
É mais digno de ti? Por onde achaste,
Para cortejo teu, nimphas, pastoras
Como estas que entre a murta o céu nos cria?
Amantes mais fieis? Florestas, rios
Namorar-se mais frescas, mais formosos?
Mais doces flautas quando amor entoam?
Aves mais doces quando amor gorgeam?

(2) Primavera pelo Sr. Castilho, 2.^a edição — 1837 — paginas 313.

(3) Primavera pelo Sr. Castilho — 1837 — paginas 58.

A tua Cintra, Elysio dos desejos,
Nobre jardim do oceano, onde folgavas
Contemplar na alta noite, em mixta dança,
Nimphas das ondas, nimphas das florestas,
Assim te descabiu? Já não proteges
Os côros virginaes que allí passeam
Sorrindo ao vêr seu nome em bosque e bosque?
Por toda a parte as graças que esparecem,
Do aligerô esquadrão travessos brincos,
Frechas douradas em contínuo vôo
Aqui e allí nos peitos descuidados,
E se erram corações, ferindo os bosques,
Porque os bosques allí também suspiram;
Tudo pois te esqueceu? Volve, ó querida,
Cede, não sejas dura a amor, aos versos.

(4) Então, então começa o tempo d'ouro,
Folgam no campo os naturaes prazeres,
E a rustica alegria apraz aos deuses.
Aqui, apoz as candidas ovelhas,
Vai trigueira, descalça pastorinha
Aos echos do arredor cantando amores;
Alli galhudo satyro se esconde
Para colhêr alguma nimpha errante;
Alem com ledos sons retine o bosque;
Mais longe, aos pés de mal fingida ingrata,
Se exhalam rogos apiedando as selvas.
Um favonio subtil encrespa as aguas
E enfada a nimpha, que estuda uns geitos
De se enfadar com quem de amor lhe falle:
Priapo brincador gira saltando
Nos jardins, nos vergeis e nos pomares,
Ramos bate, alvorota o plúmeo bando
Que foge, mas de amor não foge ás setas.
Amor e seus irmãos, com o facho em punho,
Lançam tacito fogo a quanto existe.
Junto da verde faia, susurrando
Se ouve outra faia um não sei que, tão doce,
Que aos amantes apraz o seu murmurio.
Do rebanho o marido entre o rebanho
Bala amoroso, e todas lhe respondem:
Pela novilha se enfurece o toiro,
Accommette o rival, goza o triumpho.
Côr de neve innocentes cordeirinhos
Já balam na verdura, já recresce,
Maravilhando a serra, a grei profusa
Das erradias cabras saltadoras:
A nova creação corre exultando;
Aquelle foge, os outros o perseguem,
Voltam, saltam, empinam-se, discorrem
Por toda a parte n'um momento o prado.
Cresce o leite, e o pastor a quem já faltam
Cinchos para o queijar, tarros que o levem,
Ledo se enraiva com riquezas tantas.
Todo o arredor d'aldêa é movimento,
Contente lida, esp'rança, amenidade.

ASTUCIA E TALENTO.

O HOMEM astuto reputa-se quasi sempre com muito talento. Este erro, na verdade de mui fataes consequencias, faz com que senão tenha a astucia no devido desprezo, e concorre para as falsas noções que ha de cousas tão oppostas entre si. — A astucia difere muito do talento; e o homem que a possui deve essa qualidade, de que ás vezes tanto alardea, a uma fraqueza de espirito de que, se a conhecesse, muito se envergonharia. A espada e o broquel — as armas offensivas e defensivas, também são *astutas*, pois com ellas vence o homem os mais tenazes inimigos! Po-

rem, se o homem acha contra si outro mais sagaz do que elle é então que se lhe embota o fio ás armas, e receoso e desajudado treme ante o seu adversario.

Se a todos fossem patentes os laços em que caem os astutos, bem depressa se veria que essa desprezível qualidade nada tem de commum com o talento: tanta mais astucia ha no individuo, menor penetração se lhe deve rasoavelmente suppor. Quando um homem se esforça por illudir os outros arranca a si inteiramente a mascara. — Contra os astutos e falsos amigos que sob apparencias de amor e sympathia nos armam as mais crueis ciladas, bem nos previne o nosso Francisco Rodrigues Lobo na sua Egloga 3.^a, quando diz.

Guarde-te Deus de um engano,
De um bom rosto contrafeito,
De homens que trazem no peito,
Sempre um cavallo troyano.

Palavras todas d'amores,
Tenção perversa e damnada,
Pegonha dissimulada,
Como vibora entre flores.

Com a falla sempre a sabor,
Te dão pirolas de fel,
Poem-te pelos beigos mel,
Para que engulas melhor.

Se sabem que tens de teu
Ahi te digo que ella é tal,
Que ás estrellas querem mal
Se alguma estrella to deu.

Logo te acham mil defeitos,
Logo te armam mil ciladas
As linguas sempre ensaiadas
Para cobrirem os peitos.

Que proveitoso talento é esse que deixando-nos ganhar uma moeda de ouro por meios vís e indecentes, nos priva de adquirir trinta, ou quarenta, com menos trabalho, e mais honra?! Outra prova de que a astucia se acha mais distante do talento do que geralmente se pensa, está no facto de que o homem extremamente astuto é o que com mais facilidade se deixa enganar. Por mais que elle julgue que tudo vê e penetra, é certo e certissimo que vive constantemente n'uma perfeita illusão; e quando suppõe haver descoberto grandes tramoias que contra elle se urdiam, mas que realmente só existiam na sua imaginação, apenas tem conseguido desarmar pequenos laços em que o homem menos intelligente não cairia. O astucioso, havendo-se por mui superior aos outros homens, reúne sempre á sua usual fraqueza de espirito uma soffrivel dose de orgulho e amor proprio, querendo alem disso que todos façam delle mui elevado conceito. Homens taes contam vulgarmente grande numero de fabulas e anedotas, nas quaes figuram sempre de primeiro heroe: — na sua lingua ninguém trafica com mais vantagem, nem tira das vendas e ajustes maior proveito. Felizmente, para credito do genero humano, não se encontra tão grande numero destes vaidosos como podêra esperar-se; acontecendo que os que se jactam de astutos, á força de contar burlas e façanhas neste genero de maldade, dão-se sem demora a conhecer, e acabam por a ninguém illudirem. Estâmos ainda mais indispostos contra os que se gabam de astutos do que contra os que realmente o são: — talvez pareça isto um absurdo, mas tal é o nosso pensar a similhante respeito. É esta qualidade tão aviltante que não podemos comprehender como haja um ser intelligente que a não repulse com indignação, pondo, para o conseguir, todos os meios ao seu alcance: — a astucia é, em quanto a nós, synonymo de ignorancia. Os recursos de que

se valem os astuciosos são tão mesquinhos, e as causas que os fazem obrar tão miseráveis, que uma alma elevada e generosa não pode jamais sujeitar-se a tanta indignidade.

Infelizmente os homens, e com particularidade os mancebos não curam de aprofundar as cousas; e ainda que nem sempre sigam o que ouvem applaudir, não deixam por isso muitas vezes de fazer còro com os outros nesse applauso.

Para explicar-mos o que á primeira vista parece um paradoxo, bastará tão sómente observar que posto aconselhemos os nossos leitores a que jamais exaltem quem o não merecer, ou olhem com grande admiração para a necessaria e até certo ponto estimavel, arte de guerra, não julgámos comtudo preciso lembrar-lhes que o assassinio é um crime atroz.

Mas, voltando ao nosso ponto, diremos que a astucia é uma qualidade que se não acha nas almas bem formadas, sem negar-mos todavia que individuos ha neste caso que, por illusão ou seducção, louvam nos outros essas qualidades, em vez de as condemnarem ao desprezo mais completo. São homens que não conhecem que toda a homenagem que se presta ao vicio ou á loucura é uma offensa grave feita á sabedoria e á virtude.

Estâmos certos que no mundo haveria uma decima parte menos dos crimes e vicios, que nelle existem, se os homens não estivessem avesados desde a mais tenra infancia a ouvir dar ás cousas nomes que lhes não competem. E assim o astucioso que se não peja de nutrir e mostrar desejos de fraudar o mundo inteiro, é tido quasi sempre na sociedade por homem habil e esperto! Não lhes invejâmos a gloria, nem a ventura: — muitas vezes estão elles privados de promoverem licitamente os seus interesses, só por acharem contra si os honrados sentimentos de outros a quem tanta habilidade e esperteza summamente desagrada. Esses interesses são o premio do verdadeiro talento, que é solido, providente, e totalmente diverso dessa qualidade a que se chama *astucia*.

THESOURARIA-MÓR DE CEUTA.

2.º

Relação da despeza que se fez pela referida repartição desde 1640 até 1761.

Em dinheiro r.^s 5:304:403 § (*). Alem da quantia de r.^s 39:072 § porque se resgataram, no anno de 1729, 112 captivos que haviam tido praça em Mazagão.

Em munições.

Achas de pinho 39:950, alcatrão 55 barrís, amarras 11, ambulas para os Santos Oleos com 3 marcos e 14 oitavas de prata 6, ancoras 4, ancorotes 5, anel de ouro esmaltado de preto 1, arcabuzes 437, arroz 109 quintaes e 21 arrateis e meio, assucar 192 arrobas e 16 arrateis, azeite 66 pipas, 1 canada e 2 quartilhos e meio, bacalháu 545 arrobas e 18 arrateis e meio, ballas de artilheria 10:492, ballas de mosquete 76 quintaes, 2 arrobas e 20 arrateis, bandeiras 6, biscouto 2:963 quintaes e 2 arrobas, bombas 181, botes 3, barcos 2, breu 81 quintaes,

(*) Nestas sommas não vão incluídas aquellas de que se passaram quitações a serventuarios; e seja-nos licito accrescentar que na occasião da entrega da cidade de Tangere aos inglezes, e em outras de *apertos* da fazenda real, acudiram os Feos com dinheiro, pelo seu credito buscado, e deram outro da sua casa. Portarias da Ordem de Christo L.^o 7. 91 verso, na Torre do Tombo.

3 arrobas e 12 arrateis, cal 2:260 marcos, calix de prata 2, canos de espingardas 60, caravella 1, carne de vacca e de porco 702 arrobas, 30 arrateis e uma quarta, cebo em pão 12 quintaes e 16 arrateis, cêra lavrada 21 arrobas, cevada 108 moios e 28 alqueires, chumbo 156 quintaes e 25 arrateis, cocharras de cobre 34, cofres de ferro 2, cordão de ouro de fuziz com meias canas 1, droguete de Hamburgo 725 covados, enxarcia nova 1:119 quintaes, 1 arroba e 31 arrateis, espadas 110, espingardas 896, estamenha 1:387 covados, feijão branco 630 alqueires, ferro 277 quintaes, 1 arroba e 14 arrateis, frascos e frasquinhos com corrêas 100, galeras 2, galinhas 3:127, grosseria 2:748 varas, guevara 1, harpéo 1, lanchas 3, lanilha 485 covados, liage 10:647 varas, linho canhamo 10 quintaes e 12 arrateis, marmelada 135 arrobas e 15 arrateis, mastarús e mastros 26, milaneza 1:452 covados, mosquetes 1:150, murrão 1:067 quintaes, oleo 104 canadas e 15 onças, ornamentos de igreja completos 2, ostagas 966 covados e um terço, panno de linho 17:640 varas e 5 sesmas, panno de picote 1:200 varas, panno de raxa 495 varas e uma quarta, panno de treu 10:526 varas, patachos 2, peças de artilheria de bronze 4, peças de artilheria de ferro 27, polvora 6:719 quintaes, 3 arrobas e 18 arrateis e meio, pranchões para reparos 38, pregos sorteados 251:350, rosarios de contas 200, saragoça 1:286 covados e meio, serguilha de França 650 covados, sinos 7, taboas 61:414, tela 54 covados, trigo 112:924 moios e 28 alqueires, vellas de embarcações 6, veronicas 2:026, vigas 60, vinho 148 pipas, 24 almudes e 8 canadas, virador de linho 1. E muitos outros objectos que não vem descriptos.

J. C. F. C.

Sobre o bom-gosto nas artes e litteratura. — Aperfeiçoa-se o gosto da mesma maneira que o juizo, pelos progressos que fazemos em nossos conhecimentos, pela attenção constante ao objecto a que nos applicamos, e pela frequente pratica. Se o gosto das pessoas, que não seguiram estes methodos, decide promptamente, é sempre de um modo incerto; e geralmente a sua vivacidade deve mais depressa attribuir-se a presumpção e impaciencia do que a uma especie de revelação subitanea, ou esplendor maravilhoso, que lhe dissipasse de repente as trévas do entendimento. Todavia é fora de duvida que as pessoas que cultivarem os conhecimentos especiaes, que formam o bom-gosto, podem chegar a adquirir gradualmente um juizo tão seguro e tão prompto, como o que, pelos indicados meios, se alcança a respeito d'outras materias. Sabido é que primeiro soletram-se as letras do alphabeto; mas pouco a pouco consegue-se o ler facilmente e com celeridade. Se no decurso de uma argumentação sobre materias privativas do fôro da pura rasão, virdes um homem seguir com extrema rapidez todos os fios da questão, as provas descobertas, as objecções suscitadas e combatidas, e as conclusões tiradas das proposições geraes, ficai certos de que, alem da feliz organização desse homem, a sua rasão foi pacientemente exercitada pela discussão, pela meditação ou estudo. E porque não suppremos os mesmos trabalhos para a mesma facilidade e promptidão nas operações do bom-gosto? — É perfeitamente inutil e mui pouco philosophico multiplicar os principios para cada apparencia differente. — *Edmundo Burke.*

A morte impõe perpetuo silencio aos melhores oradores, como aos mais importunos falladores.